

# MEMÓRIAS RESGATADAS: UMA ANÁLISE DO ROMANCE “*BECOS DA MEMÓRIA*”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Solange Santana Guimarães Morais  
Erika Maria Albuquerque Sousa  
Valéria de Carvalho Santos

**Resumo:** Escrito nos anos 1980, o romance de Conceição Evaristo, *Becos da memória*, foi publicado pela primeira vez apenas em 2006. Esse significativo intervalo entre o momento de sua escritura e de sua publicação apresenta-se revelador das dificuldades que enfrentam de um modo geral, aqueles que, vindos de lugares distantes dos centros – econômicos, sociais, geográficos – lutam para transpor essas barreiras. A narrativa do romance em questão começa por apresentar aqueles que constituíram o local em que são povoados os “becos” da memória resgatada pela autora e que se transformaram em escrita. Com esse pórtico ao relato, Conceição Evaristo toma como mote a estrutura múltipla dos becos percorridos pela narradora, que a partir de então se desdobra em pequenos relatos. Objetiva-se analisar como Evaristo restaurou esses lugares em que a palavra circula mesclada a outros recursos de linguagens que, ao mesmo tempo em que desvelam as memórias “esquecidas”, expõem-nas de formas acessíveis aos que podem ler, apresentando, ainda, as condições de produção e as instâncias de legitimidade. A pesquisa é analítica e tem como base primária o romance supracitado; como base teórica, os estudos de pesquisadores que, de alguma forma, têm em comum trabalhos que apresentem ideias sobre as temáticas referidas, como é o caso de Nora (1993), Bernd (1984), Bhabha (2006), dentre outros. Portanto, levando os leitores a apreender como as instâncias de legitimidade e produção são importantes para que autores vindos de lugares periféricos consigam produzir e transpor essa barreira: o preconceito. Tudo isso de acordo com as memórias resgatadas que envolvem os becos brasileiros e de brasileiros.

**Palavras-Chave:** Memória. Conceição Evaristo. *Becos da memória*.

## RESCUED MEMORIES: AN ANALYSIS OF “*BECOS DA MEMÓRIA (MEMORY’S ALLEYS)*”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

**Abstract:** *Becos da Memória (Memory’s Alleys)* is a novel that was written by Conceição Evaristo in the 1980s and was published for the first time only in 2006. That significant time interval between the time of its writing and its publication reveals the difficulties that face in general those who, coming from places far from the – economic, social, geographical – centers, struggle to overcome these barriers. The narrative of the novel begins by introducing

those people who constituted the place where the “alleys” of memory were rescued by the author are transformed into writing. With the extract, Conceição Evaristo takes as its subject the multiple structures of the alleys traversed by the narrator, writing them as small stories. This article aims to analyze how Evaristo restored these places where the word circulates mixed with other language resources that, at the same time as they uncover the “forgotten” memories, also expose them in accessible ways to those who may read, and still presenting the conditions of production and the instances of legitimacy. This is an analytical research which has as its primary basis the aforementioned novel; as theoretical basis, the studies of researchers who somehow have in common works that present ideas about the referred themes, as is the case of Nora (1993), Bernd (1984), Bhabha (2006), among others. Therefore, leading readers to apprehend how the instances of legitimacy and production are important for authors coming from peripheral places to be able to produce and overcome the barrier of the prejudice. All this is according to the rescued memories that involve the Brazilian alleys and the Brazilians.

**Keywords:** Memory. Conceição Evaristo. Becos da Memória.

## Introdução

Desde que haja rastro, distância, meditação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história (NORA, 1993, p. 9). Tomando como mote o pensamento de Nora, busca-se apresentar como a vida e a obra de Conceição Evaristo estão entrelaçadas, pois a autora em questão utiliza-se da meditação e de suas escrevivências para resgatar não só sua verdadeira história, como também as suas memórias.

Nascida em uma favela na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946, Maria da Conceição Evaristo de Brito vem construindo um histórico marcado pela luta dos povos negros e pelos movimentos de descolonização. Dentre os grupos que atuou destaca-se, na década de 1980, o grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo, que atuava através da literatura levando conhecimentos a diferentes locais, entre eles: presídios, favelas e bibliotecas públicas, dentre outras atividades.

Conceição Evaristo é doutora em Letras (Literatura Comparada) – UFF – Universidade Federal Fluminense (2011), mestre em Letras – PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996) e graduada em Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990). Atua nas áreas de Literatura e

Educação, com ênfase, em gênero e etnia. Assessora e consultora em assuntos afro-brasileiros para pesquisadores brasileiros e estrangeiros, é também poetisa, romancista e ensaísta. Parte de sua produção poética aparece em *Cadernos Negros*, publicação do Grupo Quilombhoje, de São Paulo. Autora dos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*; Antologia poética *Poemas da recordação e outros movimentos* e Antologia de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*. O romance *Ponciá Vicêncio* tem sido indicado como obra de leitura em vestibulares de universidades brasileiras. Em 2007, foi traduzido para a língua inglesa e está em processo de tradução para a língua francesa<sup>1</sup>.

Escrito nos anos 1980, o romance *Becos da memória* foi publicado pela primeira vez apenas em 2006. A narrativa do romance em questão começa por apresentar aqueles que constituíram o local em que são povoados os “becos” da memória resgatada pela autora e que se transformaram em escrita: “Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela” (EVARISTO, 2017, p. 17). Com este pórtico ao relato, Conceição Evaristo toma como mote a estrutura múltipla dos becos percorridos pela narradora, que a partir de então se desdobra em pequenos relatos, breves histórias de vida de assaz personagens, mulheres, homens e crianças da favela.

Para César Guimarães (1997) esse processo de “rememoração, portanto, não preenche os buracos da memória, mas sim, revela os pontos decisivos da história do sujeito” (GUIMARÃES, 1997, p. 2). Porque a lembrança traz à tona a sobrevivência do passado, preservado na história singular de cada pessoa que, por vezes, aflora em forma de lembranças e imagens à consciência.

Desta maneira, objetiva-se analisar como Evaristo restaurou esses lugares em que a palavra circula mesclada a outros recursos de linguagens que, ao mesmo tempo em que desvelam as memórias “esquecidas”, expõem-nas de formas acessíveis aos que podem ler. Inscritas em um conflito, as reminiscências recuperam cenas de vidas que preservam sentimentos de compaixão, afeto e amor. Assim, as palavras, a memória e a narrativa

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do Currículo Lattes da autora.

apresentam-se como armas encontradas pela personagem Maria-Nova para seguir sua luta pela vida, mesmo depois da morte de muitos personagens e da destruição da favela em que morava.

### As condições de produção e as instâncias de legitimidade

“O narrador não tem uma personalidade, mas uma missão, talvez nada mais do que uma função: contar”.  
Oscar Tacca

“Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra”<sup>2</sup>

Se a publicação de *Becos da Memória* levou vinte anos para acontecer, o processo de escrita do livro foi rápido, muito rápido. “Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido um dia (EVARISTO, 2017, p. 12-13). Ao relatar esse significativo intervalo entre a escrita e a publicação da obra em questão, pode-se analisar como as condições de produção e as instâncias de legitimidade ainda afetam aqueles que, vindos de lugares distantes dos centros – econômicos, sociais, geográficos – lutam para transpor essas barreiras.

O próprio processo de escrita da obra mostra-se como um ato de transformação da marginalização em poder, quando apresenta uma narradora negra e esta assume não só a escrita, como encena situações em que o negro apodera-se das palavras e mostra-se através delas. “Tenho dito que *Becos da Memória*” é uma criação que pode ser lida como ficção da memória. E, “como a memória esquece, surge a necessidade da invenção” (EVARISTO, 2017, p. 12-13). Conforme afirma, Homi Bhabha (2006, p. 134):

Quero voltar-me para esse processo pelo qual o olhar de vigilância retorna contra o olhar deslocador do disciplinado, em que o observador se torna observado e a

---

<sup>2</sup> Silvano Santiago, “O lugar do discurso latino-americano”, 2000, p. 17.

representação “parcial” rearticula a noção de identidade e a aliena da essência.

É a partir da memória que essa identidade é construída, retratando o negro como sujeito que se formou ao longo da história e que se apresenta como enunciador, essa situação de porta voz da própria trajetória de vida “reverte os efeitos da recusa dos donos do saber e do poder de modo que outros saberes ‘negados’ se infiltrem no discurso dominante e se tornem a base de sua autoridade – suas regras de reconhecimento” (BHABHA, 2006, p. 165).

Evaristo consegue retratar em sua obra, a partir da personagem Maria-Nova, diversas histórias, situações e pessoas. Registra a luta diária dos que vivem à margem da sociedade em um país formado pela desigualdade de gêneros, de raça e da má distribuição econômica. Todos esses fatores acabam reverberando na produção e recepção das obras literárias, pois:

Esta literatura apresenta ainda hoje um caráter totalmente marginal. Vejamos, primeiramente, em que condições são produzidas estas obras: a maioria dos autores edita os livros com seus próprios recursos em tiragens reduzíssimas, o que dificulta a sua aquisição. O que se constata, portanto, é uma produção literária que não encontra apoio nas instâncias de legitimação como: as grandes editoras não editam os autores negros, o que os leva a edições quase artesanais (ZILÁ BERND, 1984, p. 43-44).

A obra em análise é um exemplo fidedigno dessa literatura de caráter marginal que não encontrou “instâncias de legitimação”, pois embora escrita nos anos 1980, só consegue ser publicada pela primeira vez apenas em 2006, tendo sido guardada por quase vinte anos por não encontrar editoras que apoiassem e levassem adiante o projeto de publicação dos originais. Quando situações como essa acontecem “cria-se um círculo vicioso: um beco para o qual esperamos que os escritores negros encontrem uma saída” (ZILÁ BERND, 1984, p. 45). Desta maneira, Evaristo irá afirmar que:

As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há

um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em Becos da Memória é verdade, nada que está narrado em Becos da Memória é mentira. Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência (EVARISTO, 2017, p. 13).

Donna Haraway (1994) afirma que a escrita é um jogo mortalmente sério, porque o que está em questão é justamente a possibilidade (ou a negação) da representação. A quem se representa e como se representa são, assim, questões cruciais para o discurso literário. O que Conceição afirma ao perseguir e relatar às suas “escre(vivências)”, ao narrar em Becos esses espaços de representação, podem ser vistos aqui, numa imagem que Bakhtin (1981) aponta como uma arena onde disputam constantemente as diversas forças políticas que constituem os grupos sociais. E por vezes, de legitimação de uma identidade cultural, que se faz representada por meio dos relatos memorialísticos descritos pela autora.

### **Memórias resgatadas**

Consoante ao mito grego da *Mnemosyne*, a deusa da memória, em que mostra como Zeus apresenta-se como um deus que não lhe faltavam vitórias e glórias, entretentes, apenas o sucesso de suas conquistas não era suficiente, pois ele necessitava que seus feitos se tornassem memoráveis.

A necessidade de Zeus em conquistar *Mnemosyne* metaforiza como as relações humanas podem ser tangíveis, a existência entre o fazer, o lembrar e o existir só são possíveis se vigorar na lembrança, e preservar a sua ausência. Caso contrário, a ausência configurar-se-ia como silêncio e perda, porque esquecer, aqui, seria como morrer. A memória é então uma miríade feita de muitos traços, em um processo de construção permanente e que não apresenta um fim absoluto, o que faz esse processo ser real, porque há uma existência de dinâmica delicada e que possibilita ser (des)construída constantemente.

Assim como Zeus, Conceição Evaristo também reconhece a importância da utilização da memória, recorrendo a *Mnemosyne* para

descrever suas vivências e as experiências coletivas de sua família e de gerações que se configuram nas narrativas em que a autora descreve suas reminiscências, “[...] aliando a memória aos fios da imaginação, nasce outro eu, o eu-poético, cuja linguagem transforma vida e realidade em figuras, figuras poéticas prenes de simbologia – metáforas e metonímias que paralisam o tempo [...]” (EVARISTO, 2008 *apud* PRATES, 2010, p. 138).

Utilizando-se de efeitos poéticos e recursos da linguagem Evaristo consegue mesclar o fictício e o real, criando personagens carregados de características, que embora sejam simbólicos, acabam se organizando na representação da história de um povo reprimido por seu passado colonial, e que graças à narrativa que acompanha recursos da vida real alinha literatura, ficção e memória.

Para Jacques Le Goff: “A memória é *crucial*, tanto por sua *importância* ímpar e fundamental nos modos de organização da identidade humana, quanto por essa organização realizar-se a partir do *cruzamento* entre as suas manifestações na esfera individual e coletiva” (LE GOFF, 1996, p. 11).

Dito isso a “[...] propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). Em observância a essas impressões, a autora descreve como inspiração para a escrita do romance as lembranças familiares que a marcaram e que representam o mote:

Primeiro foi o verbo de minha mãe. Ela, D. Joana, me deu o mote. A voz de minha mãe a me trazer lembranças de nossa vivência, em uma favela, que já não existe mais no momento em que se dava aquela narração. A entonação da voz de minha mãe me jogou no passado, me colocando face a face com o meu eu-menina. E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria Nova (EVARISTO, 2017, p. 13).

A partir da entonação de vozes conhecidas e familiares, a autora consegue transfigurar a personagem que irá representar seu eu-poético,

Maria-Nova. Partindo da curiosidade por esses lugares onde as memórias eram preservadas, ela consegue resgatá-las. Por meio de retalhos, os vazios das lembranças tomam formas que aparecem inteiras e que, atreladas aos espaços vazios por onde a consciência da ruptura com o passado se apresenta, começa-se então a confundir o sentimento de memória esfacelada e o sentimento de continuidade. Isso é o que Nora (1993) chama atenção pela curiosidade onde a memória se cristaliza, e que Evaristo busca representar logo na justificativa de seu enredo. Assim:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p. 7).

Mediante o pensamento de Nora (1993) supracitado, essa curiosidade pelos lugares de memória está ligada ao que chamamos de “subversivo, esse ato de revisitar o passado transmuta-se numa ferramenta crucial para compreender e denunciar os vários componentes que estruturam e oprimem a sociedade” (BEZERRA, 2007, p. 13). Observa-se isso quando a personagem Maria-nova revela suas memórias enquanto criança, quando escreveu suas reminiscências em uma homenagem póstuma àqueles que fizeram parte de sua história,

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, aloiradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, a D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à

D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (EVARISTO, p. 20-21).

O enredo de *Becos da Memória* busca então revelar ao leitor o que as pessoas que moravam na favela e se encontram em situações de marginalização enfrentam todos os dias. A escritora não especifica em qual local o enredo se passa, por se tratar de uma denúncia social que engloba inúmeras favelas e povos, narrando por meio de vários personagens o processo de desfavelamento que estava ocorrendo naquela época. Assim, por meio das histórias que Maria-Nova ouvia e via, ia colecionando vivências e que, conseqüentemente, fizeram parte de sua história o que resultou em experiências para sua escrita acontecer.

Desta maneira, situações de denúncia são muito frequentes na obra, como no seguinte trecho em que o personagem Bondade relata a interpretação e a dolorosa descoberta de um ditado popular que traduz a sua vivência na favela:

‘Os sonhos dão para o almoço, para o jantar nunca’. Hoje descobri a verdade do dizer daquele ditado. Sonho só alimenta até à hora do almoço, na janta, a gente precisa de ver o sonho acontecer. Tive tanto sonho no almoço de minha vida, na manhã de minha vida, e hoje, no jantar, eu só tenho fome, a desesperança... (EVARISTO, 2017, p. 50-51).

Bondade faz uma denúncia das condições de vida que ele levava e que pela falta de oportunidades, acaba sobrevivendo não só com o sentido material da fome, mas com a metáfora da desesperança traduzida no trecho. O que Evaristo complementa: “hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia e como tudo era e é complicado!” (EVARISTO, 2006, p. 17).

Bondade “vivia intensamente cada história que narrava, e Maria-Nova cada história que escutava” (EVARISTO, 2006, p. 61), por mais dolorida que fossem, ainda que sem conter as emoções, gostava de colecionar as

histórias que ouvia. Porque a menina tinha o direito de conhecer a ferida que sangrava e que sempre ardia na história de seu povo, que quase sempre se apresentavam como os “vencidos”.

Mas a menina é do tipo que gosta de pôr o dedo na ferida, não da ferida alheia, mas naquela que ela traz no peito. Na ferida que ela herdou de Mãe Joana, de Maria-Velha, de Tio Totó. Do Louco Luisão da Serra, da avó mansa que tinha todo o lado direito do corpo esquecido, do bisavô que havia visto os sinhôs venderem Ayaba, a rainha. Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis, em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito (EVARISTO, 2006, p. 62).

Outrossim, relacionando essas memórias ao conceito de identidade interpretados pela personagem, Jacques Le Goff (1996) define que a memória seria “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 1996, p. 476). O que Walter Benjamin (1987) ratifica ao afirmar que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem os narradores” (BENJAMIN, 1987, p. 198), sendo um processo fundamental para que ocorra a preservação da memória e da história de um povo e/ou de determinada sociedade.

Por meio dos relatos contados por Maria-Nova conhece-se os personagens que perpassam a favela e que formam os becos, assim como a tipologia humana. Por exemplo, Vó Rita que com sua sabedoria representa a inteligência, a perspicácia e o respeito dos mais velhos; Dora se apresenta com os encantos da mulata brasileira “era sussurro, gemidos prazerosos que vinham de dentro do seu barraco [...]” (EVARISTO, 2006, p. 111).

Há também, Negro Alírio, que reúne forças para impedir a destruição da favela, um homem sábio que defende seus ideais; outra história

que povoa as memórias do livro é a de Ditinha, uma empregada doméstica que se apresenta muito trabalhadeira e que por consequências de suas vivências acaba roubando uma joia de dona Laura, sua patroa: “julgava a patroa tão limpa, ela tão suja. E agora, ainda por cima, ladra” (EVARISTO, 2006, p. 111).

Dentre tantos outros personagens que contribuem para a riqueza do enredo, há ainda: Maria-Velha, Cidinha-Cidoca ou Rabo-de-Ouro, como era conhecida por seus encantos de mulher. Assim apresentados, todos fazem parte daquela que era “feita de pedaços de vidas mal vividas” (EVARISTO, 2006, p. 15). Concomitante a essa breve interpretação dos moradores de Becos da memória, Compagnon (2010) afirma que:

A tradição literária é o sistema sincrônico dos textos literários, sistema sempre em movimento, recompondo-se à medida que surgem novas obras. Cada obra nova provoca um rearranjo da tradição como totalidade (e modifica, ao mesmo tempo, o sentido e o valor de cada obra pertencente à tradição) (COMPAGNON, 2010, p. 34).

Destarte, como afirma Compagnon, esse rearranjo da tradição encontrado no romance de Conceição Evaristo é passível de ser interpretado porque “Encontramos a força da narrativa, pois é a menina Maria-Nova, com seus olhos e ouvidos atentos às histórias dos mais velhos, com a sua ligação a todas as experiências compartilhadas nas dores e alegrias da favela, quem irá se incumbir de reter na memória a vida ameaçada, e tomará para si a tarefa de um dia escrevê-la” (EVARISTO, 2017, p. 189).

Esse sistema sincrônico que está em constante movimento é essencial para que histórias como a de Negro Alírio, Bondade e da própria escritora não se percam no esquecimento da história. Atrelados a *Mnemosyne*, *Becos da memória* consegue resgatar não só a história de uma sociedade, mas de experiências que são marcadas por um sistema opressor que precisa ser modificado. Cumpre assim sua missão de obra literária, que é registrar, criticar, mostrar e emocionar o seu leitor.

### Considerações finais

“O personagem leitor é um personagem curioso, estranho. Ao mesmo tempo que, inteiramente individual e com reações próprias, é tão terrivelmente ligado ao escritor que na verdade ele, o leitor, é o escritor” (LISPECTOR, 2018, p. 80). Com esse pórtico de Clarice Lispector, recorreremos ao romance de Conceição Evaristo, *Becos da Memória*, para ratificar o que o enredo memorialístico busca apresentar.

Através da personagem Maria-Nova que atua como significante da identidade e de porta-voz de um povo oprimido, Evaristo consegue por meio da narrativa de *Becos* transmutar ao mesmo tempo o que é individual de cada ser humano com reações próprias que configuram e ligam o escritor ao leitor. Como afirma Halbwachs (1990):

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Conforme Halbwachs ratifica acima, as lembranças individuais permanecem em cada um, porque a realidade dos que estiveram envolvidos em acontecimentos coletivos se apresenta de maneira singular em cada ser humano. E isso só é possível de ser representado porque os fatos são repassados de geração em geração e acabam, por vezes, tomando uma dimensão universal. Por esse motivo ao afirmar que “temos sempre em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” confirma a intenção de Evaristo ao transformar suas escrituras em história.

Destarte, foi possível apreender até aqui como as instâncias de legitimidade e produção são importantes para que autores vindos de lugares periféricos consigam produzir e transpor essa barreira: o preconceito. De acordo com as memórias resgatadas que envolvem os becos brasileiros e de brasileiros.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévki*. Rio de Janeiro: Forense-Universidade, 1981.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BERND, Zilé. *A questão da negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BEZERRA, K. C. *Vozes em dissonância: mulheres, memória e nação*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*, 2. ed. Belo Horizonte/ MG: Editora UFMG, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*, 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 200p.

GUIMARÃES, César. *Imagens da memória: entre o legível e o visível*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Editora Revista dos Tribunais LTDA: São Paulo, 1990.

HARAWAY, Donna. "Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80". In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 243-288.

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira; Bernardo Leitão e Suzana F. Borges, 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

LISPECTOR, Clarice. *Todas as crônicas/Clarice Lispector*; prefácio de Marina Colasanti; Organização de Pedro karp Vasquez; Pesquisa textual de Larissa Vaz. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PRATES, C. Discurso étnico-literário: memórias poéticas em Conceição Evaristo. In: *Scripta*, v. 14, n.27, p. 133-142, 2 sem. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4334/4481> . Acesso: maio de 2021.

SANTIAGO, Silvano. O lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 17.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.